

UTILIZANDO SUCATA NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA¹

USING DISCARDED MATERIAL IN THE THERAPEUTIC RELATIONSHIP EL USO DE LA CHATARRA EN LA RELACIÓN TERAPÉUTICA

Elizabeth Esperidião²

RESUMO: Estudo descritivo exploratório com enfoque qualitativo, realizado em 1996. Objetivou demonstrar a sucata como recurso alternativo e coadjuvante no processo de comunicação terapêutica. Sustentado no referencial teórico que privilegia a postura dialógica do profissional, abordou fundamentalmente questões inerentes ao processo de comunicação, enfatizando a sucata enquanto instrumental facilitador de expressão de conteúdos latentes ou daqueles que temos dificuldades em manifestar por meios verbais. Apresentou a composição do sucatário utilizado e discutiu sua aplicação no relacionamento terapêutico, numa abordagem fenomenológica existencial. Finalizou tecendo considerações acerca do recurso proposto, como um elemento valioso a ser utilizado no relacionamento terapêutico.

PALAVRAS CHAVE: sucata, comunicação, relacionamento interpessoal

INTRODUÇÃO

O ser humano está constantemente se relacionando: ora com ele mesmo, ora com o meio, contribuindo com a sua forma de *ser no mundo*. Ao nos comunicarmos com o outro, possibilita-se o auto conhecimento, a descoberta e a compreensão necessários ao engajamento no contexto de vida de cada um.

Neste final de século, graças ao avanço da tecnologia, é possível nos conectarmos instantaneamente com pessoas e lugares distantes, o que não garante o estabelecimento de interações efetivas; muitas vezes não conseguimos nos relacionar ou formar vínculos com quem convivemos no cotidiano.

Acreditamos que os canais por onde se estabelecem as relações interpessoais e intrapessoal carecem de ser fortalecidos. *Silva* (1996, p.22) destaca que "a comunicação envolve uma gama de fenômenos, como elementos psicológicos e sociais que ocorrem entre as pessoas e dentro de cada uma delas, em contextos interpessoais, grupais, organizacionais e de massa."

Não podemos pensar nas nossas ações profissionais, sem levarmos em conta a importância do processo comunicativo nelas inseridas.

Assim, reconhecemos que não há limites para as habilidades a serem aprendidas pelo profissional, a fim de que estabeleça comunicação eficaz nas relações terapêuticas que empreende.

De acordo com *Maldonado e Canella* (1981, p.100) "a maioria de nós, na maior parte do tempo consegue apenas olhar e escutar, ao invés de verdadeiramente ver e ouvir". Consideram que para se captar nuances e matizes das entrelinhas da comunicação é preciso ampliar a sensibilidade.

Sabemos que a comunicação não se constitui apenas na palavra verbalizada. Birdwhistell,

¹ Prêmio Jane da Fonseca Proença. 1º lugar, 49º CBEEn.

² Enfermeira e Psicóloga, docente da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Mestranda em Enfermagem Psiquiátrica/ EERP-USP

Edwards; Brillhart citados por Silva (1996, p.28) apontam estudos sobre a comunicação não verbal estimando que apenas 7% dos pensamentos são transmitidos por palavras; 38% por sinais paralinguísticos (entonação de voz, ritmo e velocidade com que as palavras são ditas, suspiros, risos, entre outros) e 55% pelos sinais do corpo.

Nossa tarefa, enquanto profissionais é decodificar, decifrar e perceber o significado da mensagem que nos é enviada. Precisamos estar atentos aos sinais de comunicação verbal e não verbal emitidos, que transmitem idéias, impressões e imagens de toda ordem. Muitos destes conteúdos, embora compreensíveis, jamais conseguem expressar-se por palavras, expressões faciais ou corporais.

Com o propósito de ampliar os elementos facilitadores da comunicação, *Esperidião; Teixeira; Stacciarini* (1996) registram a utilização de objetos nas interações inter e intrapessoal, pois estes trazem consigo significativa importância de expressão. Neste sentido, *Weill* (1986) enfatiza que objeto também fala. Para ele, tudo relacionado com a pessoa adquire uma linguagem própria.

Concordamos com *Silva* (1996, p.22) quando afirma "a comunicação é antes de mais nada um ato criativo: não existe comunicação totalmente objetiva. Ela se faz entre pessoas, e cada pessoa é um mundo à parte com seu subjetivismo, suas experiências, sua cultura, seus valores, interesses e expectativas. A percepção pessoal funciona como uma espécie de filtragem que condiciona a mensagem segundo a própria lente - *ouvimos* e *vemos*³ conforme nossa percepção." Através da filtragem podem surgir novas maneiras de pensar e de aprender sobre o mundo.

As mensagens podem vir mascaradas ou encobertas através de alguns sinais que indicam que a pessoa fez uma filtragem, de acordo com sua censura, acerca do que está falando. Não significa necessariamente que esteja escondendo algo, mas pode sinalizar dificuldades de expressão de seus conteúdos latentes, uma vez considerado que o vínculo está estabelecido e a confiança presente.

Pluckhan citado por *Mendes* (1994, p.18) refere-se à comunicação humana como a "geração e transmissão de significado e não uma simples transferência de mensagens verbais e não verbais do emissor ao receptor... é o processo de extrair respostas a estímulos. O foco de atenção passa a ser a produção de significado e não a de mensagens... Qualquer pessoa, objeto, evento ou atividade que estimule uma percepção e uma resposta numa pessoa resulta em comunicação, enfatizando que esta não dar-se-á se o estímulo for ignorado. Nada tem significado dentro ou fora de si, mas qualquer estímulo pode servir como uma fonte potencial para produzir significado e resposta num indivíduo".

Partindo da premissa de que os objetos podem conter significados que simplesmente através da mensagem verbal não seriam desnudados, passamos a usá-los, mais especificamente a sucata, caracterizada como elemento de comunicação e estímulo facilitador de introspecção e, conseqüentemente, de expressão de materiais oriundos da vivência pessoal e social.

Ferreira (1988) considera sucata objeto, peça metálica inutilizada pelo uso ou pela oxidação. Compreendemos sucata como material e/ou objeto de diferentes composições em termo de textura, peso, tamanho, cor e forma, sem necessariamente ter a utilidade específica que mantinha na sua versão original.

Nossa experiência tem apontado que tais materiais permitem a livre manifestação de informações em temas que exigem a reflexão, favorecendo a comunicação intrapessoal, na medida em que desperta essencialmente conteúdos latentes importantes para o indivíduo. Podem ser portanto, veículos de mensagens ainda não emitidas.

Assim, este estudo de caráter exploratório tem como objetivo demonstrar a sucata como

³ *Grifo nosso.*

um recurso alternativo e coadjuvante no processo de comunicação terapêutica.

A SUCATA COMO INSTRUMENTO NO PROCESSO DE BUSCA INTRAPESSOAL: ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

Procure e encontrará ; o que não é procurado permanecerá escondido
Sófocles

A sucata, como instrumental de trabalho, pode ser utilizada como recurso facilitador no processo de comunicação no relacionamento terapêutico, especialmente quando se intenciona conhecer a pessoa e não categorizar formas de funcionamento pré concebidas e que muitas vezes não correspondem à sua realidade interna .

Na relação terapêutica, sustentado pelo referencial fenomenológico existencial, encontramos-nos frente a um indivíduo que se apresenta como um fenômeno novo a ser desvelado e para chegar de fato à sua essência, devemos nos ater ao que ele revela, assumindo uma atitude empática, que compreendemos ser fundamental.

Brown e Fowler citado por *Mendes* (1994, p.17) acreditam que "um interesse sincero no paciente e um desejo genuíno de ajudá-lo são pré requisitos para o estabelecimento de um relacionamento harmonioso."

Reconhecendo que é preciso chegar ao eidos existencial da pessoa, ao invariante, para poder de fato ajudá-la, entendemos que a sucata pode contribuir tanto para ela se expressar, tomando-se consciência de si mesmo, na medida em que lhe é oferecida uma grande diversidade de objetos, como ao profissional, afim de compreender a estrutura do seu cliente.

A aproximação tanto quanto possível à individualidade, à subjetividade do que se apresenta é tarefa do terapeuta, que deve contar com sua perspicácia e sensibilidade no sentido de apreender diante do(s) objeto(s) específico(s) escolhido(s) pela pessoa ou através do seu *produto*⁴ como um todo, os conteúdos manifestos ou não, embora simbolizados de alguma forma.

Trata-se desta maneira de compreender o significado individual, dentro da história de vida, do contexto específico de cada um (linguagem, significado exclusivo de um ato, do próprio produto). Devemos lembrar que os sentimentos subjacentes às palavras freqüentemente são expressos através de pistas não verbais.

Partindo desta compreensão, entendemos que a exploração da sucata pelo indivíduo permite que aflore seu lado interno absolutamente individual e próprio do seu ser, quando se identifica com algum objeto significativo em particular, tornando-o significante para si. Objetiva-se pois, perceber, *ver e ouvir*, captar e sintonizar com ele, a partir da perspectiva dele e não apenas da do terapeuta. Neste sentido, o instrumental proposto pode ser um facilitador da comunicação, eficaz tanto para pessoas com dificuldades em estar se colocando, como para ratificar ou validar conteúdos já expressos de outra forma.

A atitude terapêutica provém quando nos colocamos por inteiro, com intuição e sensibilidade, não somente com nosso preparo técnico. *Maldonado; Canella* (1981, p.45) consideram que a "mescla de ciência e arte é que distingue o bom profissional daquele que é simplesmente um técnico competente". *Hycner* (1995, p.29) acrescenta: " talvez este seja o aspecto mais exigente da profissão de psicoterapeuta, na medida em que ser responsivo ao cliente impõe trabalhar sob medida o conhecimento científico e os fatos, para que sirvam a uma única pessoa. Portanto ao se negligenciar a arte ou à própria ciência está-se prestando um *des-serviço*⁵ ao cliente".

⁴ Produto: montagem final, feita com sucata.

⁵ Grifo do tradutor.

Temos a clareza de que não devemos nos limitar às maneiras diferentes de usar as palavras ou instrumentos eficazes, quando pretendemos estabelecer uma relação de ajuda. Referimo-nos que a comunicação terapêutica requer acima de tudo postura, atitude terapêutica, respeito à pessoa que atendemos, à nós mesmos, capacidade de sintonizar, além da preocupação de prestar assistência à ela em momentos de dificuldade.

Neste sentido, é uma aprendizagem que vai sendo incorporada ao longo do processo de formação profissional, quando vamos tomando contato e elaborando o entendimento da importância destes aspectos, através da nossa praxis.

De acordo com *Miranda; Miranda* (1990, p.28) "as habilidades do ajudador são aprendidas, seja de maneira sistemática ou informal, durante a vida".

Aprender significa para *Maldonado; Canela* (1981, p.85) "transformar-se, poder olhar a partir de outras perspectivas, ter coragem para renovar-se e recriar-se". Essa disponibilidade interna para aprendizagem e para a mudança constitui, segundo os autores, o fator essencial no treinamento e na absorção das formas terapêuticas de comunicação.

Acreditamos também que é necessário despertar a criatividade intrínseca do ser humano através do simples, usual. A descoberta criativa de acordo com *Cameron* (1996, p.23) "faz parte de um processo que precisa ser ensinado e traçado". Neste sentido, a sucata vem ao encontro deste pressuposto, além de contribuir no processo de tornar operativa uma reflexão.

Outro aspecto importante a ser destacado é que para trabalharmos criativamente com sucata é necessário estarmos num momento criativo do nosso trabalho pessoal, conforme diz *Machado* (1994, p.80), "no sentido de usar seu potencial com prazer e humor, o que nem sempre é possível. Ao se ter amor pelo trabalho e compensação por ele, ter-se-á meio caminho andado."

Assim, percebe-se vínculos mais significativos, resultados mais gratificantes e a possibilidade crescente de atuar como pessoa, não desvinculada do profissional.

Ao atuarmos pautados nestas premissas, estamos inevitavelmente assumindo um estilo que afeta nosso proceder, não somente nas relações profissionais, mas diante do mundo, da vida e dos outros.

A SUCATA COMO ELEMENTO DE COMUNICAÇÃO

O mundo da realidade tem seus limites; o mundo da imaginação é iluminado.

Jean Jacques Rousseau

Consideramos ser oportuno salientar que a comunicação envolve comportamento recíproco entre pessoas dentro do contexto de uma relação. Neste sentido, é um movimento de mão dupla: as partes agem e percebem-se mutuamente, transmitem mensagem de maneira verbal e não verbal, com ou sem intenção.

Ribeiro (1988) reconhece o aspecto consciente e inconsciente da comunicação e neste sentido diz que tudo pode ser e é comunicação (um vestido, um perfume, um gesto, uma palavra, um silêncio).

Toma-se portanto, imprescindível tocar e trabalhar no nível latente da mensagem, decodificá-lo e explicitá-lo para que os sentimentos subjacentes passem a ser melhor elaborados pela pessoa.

Nesse processo, a responsabilidade maior é do terapeuta; cabe a ele utilizar dos recursos que dispõe com vistas a garantir resultados favoráveis a pessoa que procurou ajuda.

A utilização da sucata tem substancialmente este propósito, ou seja, abrir o leque de opções criativas na relação terapêutica, a partir dos princípios da comunicação.

"Os objetos podem conter o significado de muitos conteúdos", conforme atestam *Esperidião; Teixeira; Stacciarini* (1996, p.107), que por diferentes razões não são manifestados

verbalmente. "A sucata facilita a sua expressão, onde o próprio cliente passa a entrar em contato e sintonia consigo mesmo e sua mensagem latente passa a ser manifesta".

O terapeuta captando seus conteúdos faz intuitivamente o que *Maldonado; Canella* (1981, p.89) chamam de "reflexão de sentimentos: forma básica de comunicação terapêutica, uma atitude que requer capacidade de sintonizar com o cliente, entendê-lo e respondê-lo de acordo com a óptica dele e não apenas com a sua própria". Consiste pois, em dizer explicitamente ao cliente o que apreendemos daquilo que nos comunica.

Consideramos fundamental, o profissional desenvolver suas habilidades de comunicação. *Silva* (1996, p.99) salienta "quanto maior sua capacidade de decodificá-la corretamente, em especial as formas não verbais, maiores serão suas condições de emitir adequadamente os sinais não verbais, ser coerente na sua relação com o paciente, potencializar sua capacidade de compreendê-lo e orientar".

Baseando-se na crença que a maior parte das vezes não falamos sobre nossos sentimentos, mas os demonstramos de forma não verbal, a mesma autora (1991, p.130) ressalta a necessidade de compreendermos a nós mesmos como um facilitador na compreensão dos nossos clientes, contribuindo ainda na aprendizagem da leitura do mundo da comunicação não verbal.

Birdwhistell citado por *Silva* (1996), um estudioso da linguagem corporal considera que "somente 35% do significado social de qualquer interação corresponde às palavras pronunciadas, pois o homem é um ser multisensorial que, de vez em quando verbaliza"

Daí, a importância de se validar as mensagens captadas, processo muito usual em várias abordagens terapêuticas e enfatizado por *Stefanelli* (1993) quando "aponta a necessidade da validação como estratégia para identificar se a comunicação não verbal está em consonância com a mensagem verbal expressa, favorecendo o relacionamento terapêutico".

Muldary citado por *Mendes* (1994, p. 21) diz que "o simples ato de criação de uma mensagem pode afetar o emissor muito mais do que ao receptor, deduzindo que os emissores comunicam mensagens para si próprios e não só para as pessoas com as quais estão interagindo".

Entendemos que comunicar-se para si tem grande significância, assim como também é significativo o fato de escolher um ou mais objetos e relacioná-lo(s) à sua pessoa, pois esta ação em si pode contribuir no processo de tomada de consciência ou até mesmo se constituir num momento catártico.

Nossa experiência tem demonstrado que a interação indivíduo-sucata é particular caso a caso e resulta numa busca interior de se fazer representar através daqueles objetos propostos. Não lidamos com valores como certo e errado, mas com o processo inerente ao investimento afetivo, a partir da escolha realizada que pode estar simbolizando a inter-relação da pessoa consigo mesma e com o mundo.

Os objetos, muitos deles não estruturados, neutros, sem forma e por isso carregados de múltiplos significados permitem ao indivíduo criar e recriar de um jeito único, pessoal e revelador seus dinamismos internos.

Por princípio a sucata traz consigo o elemento da transformação: é algo que passa a ser usado fora do seu habitual. *Machado* (1994, p.44) considera que "o lixo reutilizado e recriado carrega também uma mensagem psicologicamente construtiva, pois de maneira simbólica ou por analogia, poderemos lidar inteiramente com nosso lixo também, usando as partes que não nos agradam para dizer coisas, para fazer e para ser mais integralmente". Neste sentido, refere-se à sucata como um nada que pode vir a ser tudo. Ratificamos seu parecer e entendemos que a possibilidade em lidar com sucata é infinita.

Na nossa opinião utilizar sucata é uma alternativa em se trabalhar com a criatividade intrínseca de cada um. Entretanto, requer envolvimento e preparo, desde a fase de montagem do sucatário, sua conservação e acondicionamento até a sensibilidade em estar oferecendo,

adequada e oportunamente ao cliente, com vistas ao objetivo terapêutico.

Consideramos que o sucatório deve ter uma grande variedade de objetos, com diferentes características e aparentemente sem significado; por outro lado, pode conter alguns que tenham impregnado em si o sentido de alguns símbolos universais (por exemplo: moeda, lampião, âncora, materiais ligados à higiene e limpeza, entre outros). Desta forma, possibilita-se ao indivíduo utilizá-los de acordo com sua compreensão, assumindo o valor de signos, símbolos ou sinais⁶ da comunicação.

Geralmente o sucatório assume um caráter bastante inusitado, porém de extrema relevância, dada a sua proposta de despertar conteúdos intrínsecos muitas vezes adormecidos no indivíduo.

Vale salientar, no entanto, que não se trata simplesmente de uma técnica de comunicação: seus efeitos terapêuticos estão relacionados à maneira como é utilizada e a outros fatores atinentes à postura do terapeuta: sua capacidade de observação, de análise, de sintonia com o outro, do estar com, da sua disponibilidade interna, enfim, da capacidade de perceber a pessoa em sua situação existencial e respeitá-la tal com é.

A utilização da sucata não pretende ser absolutamente uma forma de manipulação da pessoa a fim de se conseguir dela elementos que não queira expor; a atitude de respeito pela individualidade é um pressuposto básico para qualquer intervenção que se pretenda empreender.

Desta forma, possivelmente a pessoa sente-se mais aceita e compreendida, o que possibilita a formação do vínculo de confiança e da liberdade para expressar o que se passa consigo. É o tempo do indivíduo que devemos considerar. Pressupõe, portanto, a capacidade de aguardar, de esperar o seu movimento emocional e, sobretudo a sapiência de se encontrar o momento oportuno dentro do processo terapêutico em propor o uso da sucata com os objetivos já mencionados.

Neste sentido, consideramos relevante pontuar o aspecto subjetivo de cada um. Para muitas pessoas estar lidando com a dinâmica sugerida pode ser um obstáculo nas suas formas de comunicação; as dificuldades de abstrair ou de recuperar conteúdos impregnados ou simbolizados num determinado objeto, de relacioná-lo a algum evento importante, podem se tornar barreira ao invés de mecanismo auxiliar no processo de se comunicar. Entretanto, para outros pode ser a oportunidade de reviver determinados conteúdos emocionais que estavam encobertos ou mesmo de ratificar os já colocados em ocasiões onde a abordagem verbal foi privilegiada.

Cabe portanto, a sensibilidade do profissional em indicar adequada e terapêuticamente intervenções como a utilizada neste estudo.

METODOLOGIA

Optamos por um estudo descritivo exploratório com enfoque qualitativo. Foi realizado a partir de relacionamentos terapêuticos com pessoas que procuravam o Centro de Estudo, Pesquisa e Prática Psicológica (CEPSI), da Universidade Católica de Goiás, em 1996.

Como recurso utilizamos sucata: objetos que perderam seu uso original, que se quebraram e aparentemente sem significado. De natureza diversificada quanto ao tamanho, cor, peso, textura, o sucatório era composto por cubos de madeira, granito, pregos, parafusos, moedas, botões, 'plug' de eletricidade, pedaços de tecido, embalagens de produtos de higiene e limpeza, peças de caneta, bolas de isopor, seringa, frascos de remédio, de perfume e de maquiagem,

⁶Signo: é um estímulo que se considera representar algo diferente dele mesmo; símbolos são signos que tem uma única decodificação possível e sinais quando os signos têm mais de um significado. (Silva, 1996, p.23)

fios de linha e lã, brinquedos, pedaços de corda, entre outros.

De acordo com o caminhar da inter-relação terapeuta cliente, propunha-se a este utilizar estes materiais como forma de expressar-se diante de sua problemática. Esta proposta era feita de maneira simples e sempre em pertinência com a temática trazida naquele momento específico ou de acordo com a sua queixa, conhecida através do processo de relação terapêutica.

Compreendemos que a busca e o encontro dos significados está na relação. Deste ponto de vista não havia rigor metodológico na técnica de aplicação, pois o que importava era proporcionar ao indivíduo sintonia consigo mesmo a partir daqueles objetos e utilizá-los como forma de expressão de seus conteúdos internos. Consideramos, outrossim, que este é um momento de aprendizagem, de tomada de consciência muito importante na relação de ajuda.

É importante se ter claro que a orientação deve estar em consonância com o objetivo que se quer alcançar; daí ser necessário o profissional aprimorar sua sensibilidade e perspicácia, devendo estar atento à sua postura durante este procedimento.

A coleta de dados ocorreu por meio de observação participante durante a dinâmica, onde se procurava fazer intervenções na fala do cliente somente após a conclusão de seu produto ou o extremamente necessário durante a mesma, lembrando que neste momento objetivava-se facilitar a introspecção.

Todo o comportamento da pessoa era observado, desde a forma de sua aceitação da proposta, suas expressões e/ou verbalizações ao serem colocados os objetos na sala, como os manipulava, seu processo de escolha e montagem do produto.

Após o término do encontro, registrávamos as observações por escrito e por fotografias (autorizadas pelos participantes), na tentativa de sermos extremamente fiéis aos seus conteúdos manifestos, facilitando uma posterior análise mais criteriosa.

Assim, os dados compreenderam as etapas da montagem com as devidas expressões verbais e não verbais emitidas, e ainda o significado atribuído aos seus objetos escolhidos e/ou produto elaborado, através da validação verbal feita pelo próprio cliente acerca deles.

A análise dos dados ocorreu com base no levantamento teórico atinente aos princípios da comunicação e de relacionamento terapêutico, e acima de tudo fundamentada no método fenomenológico, onde tentava-se compreender os conteúdos expressos, caso a caso, a partir do próprio cliente, da sua maneira intrínseca em se desvelar, eliminando-se os 'a priori' incorporados aos conhecimentos teóricos, técnicos e científicos do terapeuta.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Procedemos leitura compreensiva dos dados coletados, refletindo também o pensamento de *Buber* (1977) que privilegia a relação com o cliente, numa atitude de abertura, acolhida, respeito e solidariedade para com ele.

Não pretendemos fazer nenhum tipo de categorização, relacionando os objetos escolhidos exclusivamente com o significado que pode conter por si só, ou atrelá-lo a alguma dimensão psicopatológica. Mas, ao contrário, entendemos que cada objeto assume significado de acordo com a história de vida interior da própria pessoa.

Daí a riqueza em se trabalhar com este tipo de material, pois constatamos que um mesmo objeto pode conter significados diferentes. A sucata em si traz consigo inúmeros significados, que podem não serem óbvios nem evidentes. Surgem assim novas e inusitadas relações que podem ser até mesmo absurdas, incongruentes e desregradas, conforme experiências de *Machado* (1994).

Quanto ao processo de interação indivíduo-sucata verificamos que foi semelhante entre todos os participantes. Inicialmente, quando os objetos foram espalhados no chão e os objetivos da proposta esclarecidos, deparamo-nos com olhares e expressões de estranheza quanto ao que teriam que fazer diante daqueles materiais diferentes; alguns deles chegaram a verbalizar

esta sensação. Aos poucos, começavam a manusear e explorar os objetos, cada qual à sua maneira peculiar.

A dinâmica da sucata proporcionou observar nos clientes dois momentos complementares no manuseio do material: o de exploração, pura e simples e o de construção, mais elaborada.

No entanto, foi interessante observar suas posturas corporais durante o manuseio dos objetos: era uma atitude geralmente assumida num trabalho intelectual de fato, de introspecção, sem muita movimentação motora. O silêncio que invadia o ambiente neste momento veio corroborar esta nossa percepção. A expressão facial e corporal se transformava com nitidez durante a elaboração e ao término do produto. Alguns, ao mudarem de posição suspiravam, espreguiçavam-se, demonstrando terem concluído um trabalho árduo, que lhes exigiu muito empenho.

Desta forma, conferimos que ao mesmo tempo que cada um tem seu estilo próprio de ser, de trabalhar com o material e de cumprir sua tarefa, todos ao utilizarem sua capacidade de lidar criativamente com algo vivenciado experimentam sensações - que foram expressas - entre o que possuem dentro de si (sentimentos, idéias, fantasias, desejos) e o que é de fora (realidade, o outro). Entendemos que colocar-se em contato com possibilidades e limitações oportuniza surgir novas maneiras de pensar, aprender e atuar no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos fundamental destacar que os momentos vivenciados com os clientes transcendem as colocações aqui apresentadas.

Analisando todos os dados que foram possíveis de serem coletados, pudemos conferir a grande diversidade de formas da comunicação humana, incluindo as manifestações verbais e não verbais, estas foco maior de atenção deste estudo.

Verificamos, ainda que os clientes quando colocados frente a materiais potencialmente expressivos, manifestam-se criativamente, fato demonstrado pela correlação e significado dados à eles, de acordo com a percepção individual, sempre atinente à seus conteúdos próprios.

Observamos que cada pessoa lida livremente com os objetos, cada qual à sua maneira, denotando não só exploração do mundo ao seu redor, mas também do seu mundo interior, comunicando sentimentos, idéias e fantasias.

Não temos dúvida que a utilização da sucata, enquanto elemento de comunicação, pode se constituir de um recurso valioso na relação terapêutica, pois favorece a manifestação de elementos intrínsecos da personalidade, auxilia a emissão de alguns conteúdos, muitas vezes contidos pela ação da censura através da fala, valida alguns dinamismo internos da pessoa, além de oportunizar a introspecção criativa nos indivíduos, postura não muito comum do homem atualmente.

Por outro lado, a sucata fora do contexto do encontro na relação tira a essência e o valor de seu uso, que nesta proposta tende a assumir características terapêuticas.

Alertamos acima de tudo, que não se trata de usá-la de maneira estereotipada, mas ao contrário, como toda forma de comunicação não verbal, deverá ser descontraída e incorporada ao jeito de ser do terapeuta, fazendo parte do seu estilo próprio de vida. Chamamos a atenção também que ao aplicá-la devemos avaliar a dinâmica interna de nossos clientes, no sentido de indicá-la adequadamente para cada caso em particular. É a questão da autenticidade na relação terapêutica que deve ser priorizada.

O fato de reconhecermos seu valor no processo de comunicação terapêutica não nos impossibilita de termos algumas certezas e também questionamentos.

Temos usado a sucata com adultos, porém consideramos que por ser um instrumental infinitamente rico e assumir eventualmente um caráter lúdico, pode ganhar sentido nos atendimentos infantis, pois favoreceria a reconstrução da criança, através do sonhar e criar com

os objetos, passando da reflexão à sua prática de vida.

Por fim, apesar do entendimento de que seu uso como material que propicia o encontro consigo mesmo, (tendo em vista que possibilita o exercício do potencial criativo de cada um na sua interação com o mundo), carece de outros estudos no sentido de aprofundar e desenvolver sua aplicabilidade.

Sugerimos portanto, que seja mais explorada nos contextos que o profissional, fazendo uso de seus conhecimentos e sensibilidade considerar pertinente utilizá-la.

ABSTRACT: This is a descriptive exploratory study with a qualitative perspective accomplished in 1996. Its objective is to demonstrate how discarded material can be used as an alternative and cooperative resource in the therapeutic communication process. Based on a theoretical reference that favors the dialogical posture of the professional, this research approaches matters inherent to the process of communication. It also considers discarded material a mean to facilitate the expression of latent feelings which are difficult to express orally. The study presents the material used and discusses its applications from a phenomenological existential point of view. As a result of the study, it was concluded that discarded material can be a valuable resource to be used in the therapeutic relationship.

KEYWORDS: discarded material, communication, interpersonal relationship

RESUMEN: Estudio descriptivo e investigativo con enfoque calitativo, realizado en 1996. Tiene como objetivo demostrar que la chatarra puede ser usada como un recurso alternativo y coadyuvante en el proceso de comunicación terapéutica. Sostenido en el referencial teórico que privilegia la postura dialógica del profesional, se plantearon, fundamentalmente, los temas innerentes al proceso de comunicación, para dar énfasis a la chatarra como un instrumento facilitador de la expresión de contenidos latentes o de aquellos que tenemos dificultades en manifestarlos verbalmente. Se presenta el conjunto de los elementos que componem la chatarra utilizada y se ha discutido su aplicabilidad en el relacionamiento terapéutico, dentro del ámbito fenomenológico existencial. El estudio finaliza com las consideraciones sobre esse recurso propuesto y como es un elemento valioso para utilizarse en la relación terapéutica.

PALABRAS CLAVE: chatarra, comunicación, relación interpersonal

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUBER, M. *EU e TU*. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. 2. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1977. 170p. Tradução de: ch und Du.

CAMERON, J. *Guia prático para a criatividade: um método para descobrir e recuperar o seu Eu superior*. Trad. De Outras Palavras. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 240p. Tradução de: The artist's way.

ESPERIDIÃO, E.C.; TEIXEIRA, M.E.M.; STACCIARINI, J.M. Sucata como elemento de comunicação. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. v.4, n. especial, p.101-11, abr. 1996.

- FERREIRA, A.B.H. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988. 687p.
- HYCNER, R. *De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica*. Trad. Elisa Plass Z. Gomes, Enila Chagas, Márcia Portella. São Paulo: Summus, 1995. 173p. Tradução: *Between Persons and Persons - Toward a Dialogical Psychotherapy*.
- MACHADO, M.M. *O brinquedo-sucata e a criança: importância do brincar - atividades e materiais*. São Paulo: Edições Loyola, 1994. 111p.
- MALDONATO, M.T.; CANELLA, P. *A relação médico-cliente em Ginecologia e Obstetrícia*. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1981. 240p.
- MENDES, I.A.C. *Enfoque Humanístico à Comunicação em Enfermagem*. São Paulo: Sarvier, 1994. 94p.
- MIRANDA, C.F.; MIRANDA, M.L. *Construindo a relação de ajuda*. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Crescer, 1990. 205p.
- RIBEIRO, J.P. *Teorias e técnicas psicoterápicas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. 244p.
- SILVA, M.J.P. *Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde*. São Paulo: Editora Gente, 1996. 133p.
- _____. Percebendo os sentimentos de maneira não verbal. *Rev. Paul. Enfermagem*, v.10, n.3, p.128-32, set./dez. 1991.
- STEFANELLI, M.C. *Comunicação com o paciente, teoria e ensino*. 2. ed. São Paulo: Robe Editorial, 1993.
- WEIL, P. *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal*. Petrópolis: Vozes, 1986.